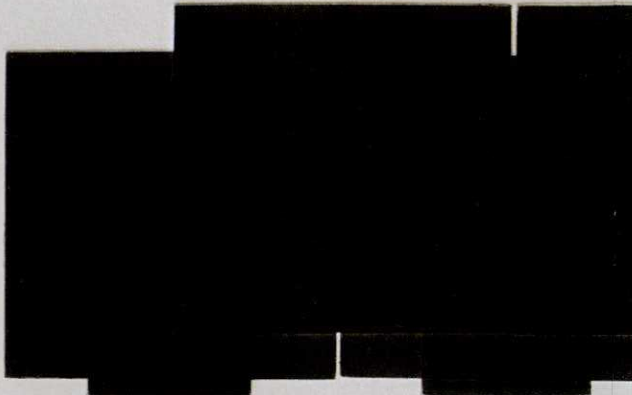


MATRIZ

KAREN AXELRUD





O QUE QUER E O QUE PODE A GRAVURA

Diante de uma obra de arte, a pergunta costuma ser estimulante: de que se trata? Sobre o que é? O que está em jogo?

A resposta, obviamente, nada terá nada de unívoca ou definitiva, será sempre parcial e provisória. Com alguma sorte, há de aclarar um aspecto ou outro.

A questão retorna, agora, diante da série de gravuras em metal que Karen Axelrud (Porto Alegre, 1965) traz a público pela primeira vez.

A artista é conhecida sobretudo pelas suas pinturas de cuidadosa composição geométrica: a sobreposição de cores e linhas sugerindo profundidade e movimento, os planos se articulando com elaboração e elegância, as partituras e as melodias visuais que elas definem cadenciando o jogo entre contemplação e devaneio. Karen prefere dessa vez uma paleta mais restrita e uma dimensão mais concentrada. São gravuras – sobre papel – para se olhar bem de perto e sem pressa. O assunto, no

MATRIZ

ABERTURA 19.05.2016

HORÁRIO 18H30MIN

VISITAÇÃO DE 20 DE MAIO A 03 DE JULHO

DE 2016, DE TERÇAS A DOMINGOS

DAS 10H ÀS 19H

ENTRADA FRANCA

MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL ADO MALAGOLI

PRAÇA DA ALFÂNDEGA, S/N

CENTRO HISTÓRICO

CEP: 90010-150 | PORTO ALEGRE | RS | BRASIL

FONE: (51) 3227.2311 | FAX: (51) 3221.2646

WWW.FACEBOOK.COM/MARGSMUSEU

WWW.MARGS.RS.GOV.BR

K A R E N A X E L R U D

NASCEU EM PORTO ALEGRE, RIO GRANDE DO SUL,

BRASIL, EM 1965. FORMADA EM ARQUITETURA

E URBANISMO PELA UFRGS EM 1990

E PÓS GRADUADA EM ARTES, NA UNIVERSIDADE

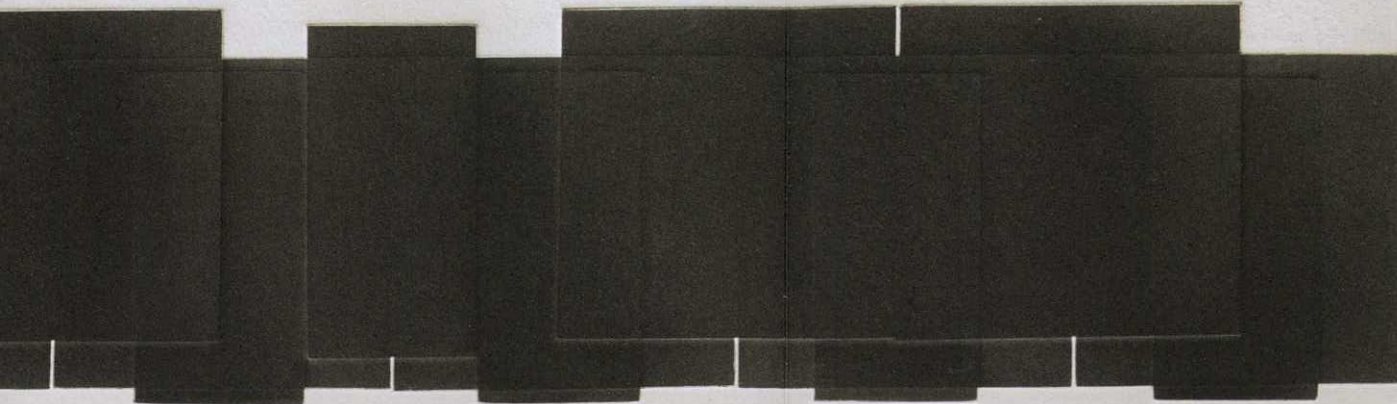
FEEVALE, EM 2012. DESENVOLVE ESTUDOS

E PRÁTICA NO CAMPO DA ARTE DESDE 2005.

KARENAXELRUD@GMAIL.COM

KARENAXELRUD.BLOGSPOT.COM.BR

FONE: 55.51.9986.51.52



D.M 8, 26,75 X 78 CM, GRAVURA EM METAL, 2015

entanto, parece que persiste: esses trabalhos tratam ainda de precisão e fortaleza, regularidade e exatidão. Tudo se constrói de modo justo e bem pensado. Pequenos módulos se associam com rigor e austeridade.

As diferentes imagens e os ensaios que se desdobram uns dos outros, dentro da série maior de gravuras, evocam uma sedução muito própria da matemática: a beleza, a qualidade, a distinção daquilo que se ergue com ciência e engenho. Há síntese, depuração e excelência. O assunto, reconhecamos, é bonito.

Ocorre que, desta feita, a economia de meios e extensões parece convocar uma lembrança suprematista: preto sobre branco, preto sobre preto, branco sobre branco, plano com plano, contornos com contornos. Essa combinação à Malevich dá pistas, talvez, de uma dimensão espiritual da geometria – e da própria arte.

Mas talvez exista um tópico ainda mais interessante, que nem se desvincula muito desses primeiros. Essas gravuras

tratam, quem sabe, de *experimentação*, ou, ainda mais do que isso, elas comentam *como* a experimentação, o ensaio e a indagação sobre o que oferece uma linguagem podem conduzir essa linguagem a seus próprios limites, ou além deles. Se a gravura depende de uma matriz, o que acontece quando essa matriz independe de tinta? O que se passa quando a matriz transfere apenas seu volume e sua espessura para o papel? E se a matriz, coberta de tinta, não contiver um desenho para matizar, nenhum desenho além do próprio plano e de seu contorno? Ou ainda: e se a matriz, coberta de tinta mais uma vez, começar a reincidir sobre sua própria mancha?

Karen Axelrud testa nessas pequenas séries o que quer e o que pode a gravura em metal. Há limites nessa expansão? Até quando a gravura resiste como gravura? Talvez seja a consciência de si o que está em jogo.

— **EDUARDO VERAS**

Professor do Instituto de Artes da UFRGS

APOIO



REALIZAÇÃO



GOVERNO DO ESTADO
DO RIO GRANDE DO SUL



SECRETARIA DA CULTURA